

O que será da Apple sem Steve Jobs

Mauro Anderlini

Quando o homem que criou a Apple a sua imagem e semelhança esteve ausente, a empresa quase ruiu. Ao retornar, Steve Jobs a fez ressurgir das cinzas e redesenhou a indústria de produtos tecnológicos.



É instigante o valor que o binômio Apple-Steve Jobs tem no mundo corporativo. Trata-se do caso típico em que criatura e criador se fundem em lendas, dilemas, sucessos (e alguns insucessos também), compondo a rica biografia de um líder. Um líder que inspira e, ao mesmo tempo, intimida. Um budista com histórico de rompantes egocêntricos e com baixa tolerância a "não-geniais" e "mid-performers". Um empreendedor (e executivo) estudioso da filosofia e das artes e que, primorosamente, aplica esses conhecimentos em uma das poucas empresas de tecnologia que conseguem aliar o "high-tech" ao "high-touch", transformando-os em inovação.

Steve Jobs criou e desenvolveu a Apple a sua imagem e semelhança. Quando esteve ausente, a empresa quase ruiu. À frente da Pixar, empresa que lançou o primeiro longa-metragem 100% desenvolvido em computador (o filme Toy Story), Jobs chamou a atenção da Disney. Até então, ninguém acreditava que o "Bill Gates a la Walt Disney" pudesse ser, também, um "Walt Disney a la Bill Gates". Diante da ameaça, a Disney resolveu se aproximar do "inimigo" - e acabou se aliando a ele.

Ao retornar, Steve Jobs fez a Apple emergir das cinzas. Redesenhou a indústria de produtos tecnológicos de consumo e resgatou o que considerava ser a alma da empresa: a capacidade de oferecer produtos incrivelmente bons e irresistíveis. Até que, acometido por (novos) problemas de saúde, Jobs se afastou da Apple. Pronto: foi o suficiente para levantar inúmeros questionamentos sobre a capacidade da empresa de continuar sendo o que é. Consumidores admiradores, especialistas em tecnologia, concorrentes e, principalmente, investidores se perguntam o quanto Jobs soube, de fato, lapidar talentos e formar líderes iguais ou melhores do que ele.

É possível manter o comportamento e os resultados de Steve Jobs de forma "hereditária" em uma organização como a Apple? A resposta é incerta. Até porque há outros fatores que influenciam a performance da Apple. Por exemplo: será que o mercado de capitais tem condições de refletir o real impacto da saída de Steve Jobs? Até que ponto o mercado de capitais é, de fato, "racional" como imaginamos ou imaginávamos ser? Finalmente, será que o comportamento das ações da Apple traduz os fundamentos do mercado e o comportamento da legião de consumidores fiéis a sua marca?

A história econômica recente tem desmanchado crenças e derrubado corporações que eram consideradas quase que inabaláveis. Há muitas incertezas e possibilidades pairando no ar. Como o tempo é o senhor da razão, acredito que devemos aguardar o avançar de alguns episódios para ver o desfecho da questão Apple-Jobs - ou Apple-sem-Jobs. Além da imprevisibilidade acerca de sua recuperação e dos produtos que serão lançados ao longo de 2009, seus diversos concorrentes têm apresentado inovações, novos posicionamentos e abordagens em diversos segmentos. Todos eles estão sujeitos aos mesmos efeitos econômicos da crise.

No entanto, há um valor importante que pode jogar a favor da Apple no atual cenário da crise: a simplicidade. Por cultivar esse valor na concepção de seus produtos e serviços e na oferta de um portfólio mais enxuto, a Apple já possui uma visão mais realista do que significa atuar de forma equilibrada. É lean e, ao mesmo tempo, clean. Em última análise, é uma das empresas mais inovadoras no mundo da tecnologia. Se esse valor vai perdurar como vantagem real (com ou sem Steve Jobs), só o tempo dirá.

ANDERLINI, Mauro. O que será da Apple sem Steve Jobs. **Amanhã**, maio 2009. Disponível em: <<http://www.amanha.com.br>>. Acesso em 8 maio 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.